



Entrevista com António Vicente Marques Administrador da AVM Advogados

P.- Fale-nos da sua experiência com o mercado angolano.

A.V.M.- Eu vim a primeira vez a Angola em 1992, na altura vivia-se uma certa euforia relativamente as potencialidades que Angola poderia oferecer, com uma cultura afro-europeia, com um grande potencial em termos de recursos naturais e com uma certa avidez por novos quadros e investimentos estrangeiros. Foi essa a percepção que tive e que decorria das conversas que tinha com entidades estrangeiras. Infelizmente esse clima durou pouco tempo, a não-aceitação dos resultados das eleições em 1992 pelos então dirigentes da UNITA e o consequente reinício da guerra fez recuar muita gente na estratégia de estabelecimento em Angola. A partir daí a guerra civil intensificou-se como nunca tinha acontecido até esse momento. Eu estava ligado a diversas instituições de ensino superior em Portugal e, no âmbito de um protocolo de cooperação que existia entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Agostinho Neto (Angola), no ano 2000, concorri a um concurso público para vir leccionar direito em Luanda. Foi uma experiência muito gratificante, ainda durante a guerra, cujo cessar-fogo veio a acontecer em Fevereiro de 2002. Eu sentia que a guerra haveria de acabar um dia, como todas as guerras no mundo acabam, e eu desejava estar presente quando isso acontecesse para fazer parte da nova Angola, para dar o meu contributo, ainda que modesto, para a reconstrução do país. Depois de iniciar a actividade docente em Angola colaborei como consultor de alguns escritórios, participei em projectos de elaboração de legislação, e logo que todas as condições se reuniram optei pela inscrição na Ordem dos Advogados em Angola e comecei a exercer advocacia – a minha grande paixão. As coisas foram correndo muito bem profissionalmente. Aquilo que faço na vida é o resultado de muito empenho, muita dedicação e a advocacia também tem sido. A nossa actividade centra-se, desde início, no “corporate”, em geral, sobretudo na área dos recursos naturais, diamantes e petróleo, no sector financeiro, no imobiliário nas telecomunicações, etc.

P.- Que tipo de clientes tem actualmente?

A.V.M.- Muitos dos nossos clientes entram em Angola através de processos de investimento estrangeiro, aos quais damos apoio. Uma grande parte das vezes somos como que uma porta de entrada para esses investidores, a quem explicamos o enquadramento legal do país para o exercício da actividade que cá pretendem desenvolver, prestamos-lhes



Foto: AVM

“Começa a sentir-se uma deslocalização da segunda linha de investimento”

aconselhamentos que vão desde o regime jurídico de bens mobiliários, arrendamento de casas, aquisição de direitos sobre imóveis, regime fiscal, etc.

P.- Não se está a verificar um excesso de investimento em Luanda em detrimento das províncias?

A.V.M.- Talvez, mas isso é natural, porque é em Luanda que estão instaladas a maioria das empresas e onde existe a maior parte das infra-estruturas, todavia, começa a sentir-se uma deslocalização da segunda linha de investimento. Ou seja, as empresas, em regra, instalam-se inicialmente em Luanda mas algumas dessas empresas, numa segunda fase de investimento, já se deslocam para as diversas províncias. Alguns dos nossos clientes estabeleceram-se em Luanda, numa primeira fase, porque é mais fácil e depois, já com uma estrutura local, deslocaram-se para outras províncias. Algumas destas empresas não fazem mais investimentos noutras províncias longe de Luanda, alegadamente, pela falta de recursos humanos. Como sabe, um dos problemas que Angola tem nesta fase é a carência de recursos humanos, mais sentida ainda nas províncias mais distantes. Por outro lado, não é de um dia para o outro que se tem quadros prontos a operar. Eu costumo dizer que o grande problema de qualquer empresa é a massa cinzenta (recursos humanos) porque o resto compra-se. Eu penso que esse é um dos grandes entraves ao nosso desenvolvimento, porque as estradas já estão, em grande medida, em boas condições de circulação. Acredito que é uma questão de tempo, não nos esqueçamos que Angola, com paz, tem meia dúzia de anos. O futuro desta terra só poderá ser auspicioso, porque: 1.º os angolanos assim o desejam, 2.º esta região precisa de uma Angola forte e 3.º os agentes económicos internacionais acreditam.